



Diário de leituras: uma ferramenta de alfabetização e letramento em turmas do ensino fundamental

Mabelle Ferreira de Almeida¹

Resumo

Apresentarei, neste artigo, uma reflexão sobre o Diário de Leituras como instrumento pedagógico e análise de resultados de uma prática desenvolvida com estudantes do sexto ano do ensino fundamental que pretendia, a partir da leitura da narrativa literária “Quando meu pai perdeu o emprego (Wagner Costa)”, verificar o envolvimento que eles estabeleceriam com a obra, contribuindo assim para a formação de leitores. A metodologia utilizada foi a da escrita em diários de leitura que pretendia possibilitar o exercício da escrita autoral, os registros das leituras do texto literário e a escrita para verificação da relação com a narrativa. Esse procedimento possibilitou uma reflexão sobre os diários e a subjetividade na leitura. Para tanto, recorri a autores como Machado (1998), Yunes (2003) e Rangel (2003), entre outros, que contribuem para pensar o ensino da literatura e a formação de leitores de forma inovadora e envolvente. Por fim, depois de observar as produções escritas e as analisar, apresentarei alguns resultados que compartilharei neste texto.

Palavras-chave:

Diário de leitura; Leitura literária; Prazer na leitura.

Sobre os autores:

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras (PROFLETRAS) – Universidade de Pernambuco (UPE) Multicampi Garanhuns (PE). Especialista em Letras pela Universidade Candido Mendes. **E-mail:** mabelle.ferreira@outlook.com **ORCID:** 0009-0000-8655-5960

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa qualitativa realizada em uma escola do município de Lagoa do Ouro-PE. A referida pesquisa, constitui-se por relatos de alunos que utilizaram o recurso didático, diário de leitura, que foram cadernos cuidadosamente elaborados por mim com espaço para escrita verbal e não verbal, no qual os alunos fizeram registros de suas impressões acerca do livro: *Quando meu pai perdeu o emprego*, de Wagner Costa, gênero novela. Essas impressões eram registradas durante a aula da disciplina Língua Portuguesa.

Entendo que os diários produzidos podem ser considerados como veículos de alfabetização e letramento para a construção de saberes quanto a leitura e escrita pelos alunos, ao mesmo tempo em que são fontes materiais para a pesquisa, buscando entender porque a maioria dos nossos estudantes são originados de uma cultura iletrada com uma enorme defasagem no incentivo à leitura e a realização desta. Estimular o uso do diário é aqui considerado um instrumento que possibilita reflexão de quem lê e de quem escreve.

A metodologia da pesquisa, teve como base a análise dos diários a fim de comparar os dados obtidos com as informações bibliográficas que serviram de base e subsídios teóricos para a referida pesquisa como, por exemplo, Coelho (2000), Parreiras (2009), Silva e Martins (2010) e Soares (2004), que são teóricos que apontam em seus estudos uma revisão dos paradigmas no que diz respeito à formação de leitores e escritores.

Nesse eixo de pensamento, proponho, como objetivo geral do estudo, verificar o processo de alfabetização e letramento a partir da utilização do gênero diário de leitura como instrumento na formação de leitores e escritores competentes nas turmas de 6º ano do ensino fundamental, construindo coletivamente o diário com os alunos e dialogando com eles sua função de instrumento didático-pedagógico.

Pesquisadoras como Petit (2009) e Rouxel (2013) contribuíram para refletir a respeito dos processos de subjetivação desencadeados durante a leitura e lembram que não podemos deixar de considerar que toda leitura se estabelece por meio da interação entre leitor e texto. Para Petit (2009, p. 57), nas interações em que a leitura não é somente utilitária é “que se encontra o cerne de nossa experiência”. Segundo ela, as experiências “ajudam a despertar em uma pessoa regiões silenciadas ou enterradas no esquecimento, dar-lhes forma simbolizada, compartilhada e transformá-las” (Petit, 2009, p. 105).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O instrumento Diário de Leituras, designado como “gênero” por Machado (1998), está detalhado em seu livro “O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola” e o descreve como um “instrumento para o ensino-aprendizagem de leitura” que ainda não chegou até a grande maioria dos professores brasileiros, como a mesma afirma.

As conclusões descritas em sua narração são formadas a partir de vivências didáticas desenvolvidas após constantes pesquisas e experiência como produtora de diários de leitura. O seu livro descreve o tema. Para Machado (1998) o gênero é desenvolvido a partir de ações como:

- a) discussão das possíveis razões desse desconhecimento e do esquecimento desse gênero por parte dos “experts” elaboradores de prescrições para o trabalho educacional, com base na teoria vigotskiana;
- b) apresentação de minha definição de diário de leitura;
- c) discussão de uma concepção de leitura de base bakhtiniana, subjacente ao trabalho escolar com o diário de leituras;
- d) sugestão de uma forma de orientar a produção dos diários pelos alunos;
- e) sugestão de um modo de discuti-los e de avaliá-los;
- g) apresentação e discussão de trechos de diários de leitura de alunos, exemplificando alguns dos fenômenos que ocorrem com a adoção do diário de leituras para o desenvolvimento das capacidades de leitura dos alunos (Machado, 1998).

O diário de leitura contribui pedagogicamente, pois possibilita ao aluno uma escrita autoral, fortalecendo, assim, sua capacidade de interação com diversos textos, e por ser uma construção individual possibilita que o estudante reflita sobre suas leituras e interpretações, considerando que – a partir da leitura – o sujeito constrói sua visão de mundo e se constitui como sujeito sócio-histórico no meio em que atua.

O diário de leitura permite aprendizagens a partir de observações, identificando os processos de singularização do texto, as tentativas de descrição da forma instável e provisória, tudo isto para que o texto se torne consciência de quem o recebe, e tudo isso está no centro das pesquisas atuais.

Segundo Machado (1998, p. 65), ao contrário dos recursos rígidos de registro escrito, que comumente visam puramente a avaliação, os diários permitem a escrita mais livre, porquanto nele, via de regra, o escritor produz para si mesmo. Por esta característica, o gênero configura espontaneidade na escrita e é ideal para observar (a depender da relação que o professor estabelece) o educando que está em processo de desenvolvimento e formando-se como leitor, mas também para desenvolver habilidades de quem já escreve e lê com maior desenvoltura.

É um gênero adaptável às necessidades pedagógicas, visto que está em produção, podendo ser instrumento que evidencia elementos relativos ao prazer com a leitura, como: sentimentos, impressões e julgamentos. E, diante desse contexto para Yunes (2003, p. 15), a leitura se caracteriza quando:

O leitor se deixa tocar e realiza de maneira, primeiro, desconstrutora, depois constitutiva, seu enlace com a linguagem, com o que está antes e depois dela como expressão e forma – sensações e percepções inominadas –, a leitura torna-se experiência da gratuidade do verbo e opera de modo contínuo e não consciente no fortalecimento da subjetividade e da ação crítica (Yunes, 2003, p. 15).

Assim, o uso desse instrumento faz com que, a partir de leituras narrativas, os estudantes desenvolvam habilidades de leitor e de autor de textos escritos, de modo que consigam assimilar e interpretar o que leem e escrevem, buscando apontar até que ponto o diário pode contribuir efetivamente para a formação dos mesmos e para o letramento literário. Tendo como ponto de partida que “letramento são práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas na sociedade” (Soares, 200, p. 144). Para Rangel (2003), o letramento literário, mesmo que implicitamente, objetiva:

Formar um leitor para quem o texto é objeto de desejo, para quem a leitura é parte indissociável do jeito de ser e de viver. Todos nós somos capazes de identificar, nesse ser de ficção, pessoas de carne e osso. Todos somos capazes de reconhecer, até mesmo em nossas próprias vidas, situações em que o desejo de ler teve de driblar sérias dificuldades, inclusive as representadas por outros desejos (Rangel, 2003, p. 8-9).

Para identificar essa dimensão, foi preciso estimular práticas de leitura e instituir momentos de diálogo e registros sobre cada experiência em diários. Assim, a turma precisaria, então, identificar a obra lida, descrever o que entendeu e sentiu ao ler, bem como identificar a maior dificuldade e o que mais chamou atenção.

METODOLOGIA

Foi mostrado para os alunos o que é o “gênero diário de leitura”. Foram apresentados já alguns diários de leitura que pesquisei através de buscas na internet e a partir daí escolhemos um livro. Após toda a explicação de como seria a produção de um diário de leitura – que difere do diário de leitura para um diário normal em que você escreve coisas do seu cotidiano no dia a dia – para que eles pudessem entender. A partir dessa concepção, procuramos um livro na biblioteca para podermos fazer essa análise e produzir o diário de leitura.

O livro escolhido foi o livro “Quando meu pai perdeu um emprego” do autor Wagner Costa. Esse diário de leitura era feito semanal no horário das aulas de Língua Portuguesa, produzidos em aulas de 40 minutos cada, quando eu levava os alunos para a biblioteca e fazíamos a leitura do Capítulo do livro. A aula seguiu a sequência até o final do livro seguindo a oficina.

Como professora, passava as explicações de como eles iniciariam a análise daquele capítulo que produziu o seu diário de leitura, fazendo uma conversação entre o eu e o leitor no caso.

A escolha do livro foi feita diante da realidade dos alunos, obedecendo a realidade que eles viviam com suas famílias, como o livro se tratava de uma realidade social, no cotidiano visto que muitas famílias eram retratos falados para família exposta do livro, então buscamos essa proximidade e, por isso, a escolha do livro.

A frequência era semanal e eles liam um de um a dois capítulos do livro para fazer suas reflexões, e suas pontuações sobre o diário de leitura dentro da oficina ofertada. Algumas vezes, os alunos levavam os livros para casa para fazerem em casa a conclusão da atividade. O habitual era fazer a atividade dentro da biblioteca escolar e nas aulas de língua portuguesa. A coleta de dados durou o tempo em que a oficina foi programada.

O papel dos diários, no momento da socialização dos alunos com a professora, tem a importância dentro da socialização porque foi trabalhado o contexto social, além de trabalhar um contexto social que traz no livro, utilizado para fazer o diário de leitura a partir do momento que o aluno se depara com esse gênero, ele não só aprende o que é um gênero como também aprende sobre oralidade e sobre escrita. Então, dentro da disciplina de língua portuguesa isso impacta no ensino-aprendizagem.

Passam do estudo de gênero textual, do estudo de oralidade, do estudo de produção, de pontuação. E aí o aluno não só entra nesse mundo da literatura como um todo conhecendo ali a parte do livro interagindo com o autor. O que é um autor? Que é um personagem? Qual o tema central fazendo um paralelo do texto com o cotidiano dele?

Como pesquisadora e também a professora dos alunos que participaram dessa oficina, recolhi – no final de aula de produção – os Diários de leitura para

dar uma devolutiva com as correções. Então, todo final de encontro, recolhia e, no encontro seguinte, entregava a atividade com as correções porque depois eles iam fazer uma reescrita dessas correções para fixar melhor a aprendizagem.

Trabalhei com um grupo de 15 alunos, traduzindo os 15 diários de leitura, porém alguns alunos não colaboraram muito, por isso não fizeram a reescrita do que foi visto por mim.

Escolhi a metodologia da pesquisa qualitativa para assim registrar, enquanto professora-pesquisadora, os avanços quanto ao processo de alfabetização e letramento dos alunos do 6º ano do ensino fundamental da escola situada no município de Lagoa do Ouro-PE. Conforme Stake (1986):

Na maior parte dos estudos qualitativos, o processo de coleta de dados se assemelha a um funil. A fase inicial é mais aberta, para que o pesquisador possa adquirir uma visão mais ampla da situação, dos sujeitos, do contexto e das principais questões de estudo [...] (Stakeapudlüdke; André, 1986, p. 46).

O trabalho foi realizado em duas etapas, para que houvesse um elo entre os aspectos teóricos e empíricos. A primeira etapa refere-se ao trabalho de revisão da literatura e levantamento bibliográfico; a segunda, observei quase que diariamente as suas práticas de leitura e escrita.

Foram realizados momentos de sensibilização junto aos alunos, com conversas informais sobre os gostos e experiências de leituras dentro da escola, onde pude perceber o que enfrentaria e as potencialidades das turmas. Dessa forma, as atividades foram desenvolvidas utilizando vários recursos como: exibições de vídeos sobre leitura e sua importância, entrevistas, relatos e enquetes.

Em continuidade da pesquisa para construção da dissertação, iniciei o trabalho com o gênero textual diário de leitura em sala de aula, mostrando suas características, visto que todo gênero tem suas especificidades, levando a aluno a conhecê-lo, tanto linguisticamente quanto discursivamente. Todo esse trabalho foi importante para que eles percebessem que a variedade da língua a ser utilizada em um dado texto depende do gênero, do auditório e do contexto de uso da mesma.

Em seguida, foi realizada a apresentação do livro a ser trabalhado (Quando meu pai perdeu o emprego, de Wagner Costa); os alunos realizaram o primeiro contato com capa e contracapa do livro para realizarem as leituras e inferências surgidas nesse momento. A partir dessa atividade, os alunos foram orientados sobre como se deve registrar as primeiras impressões diante do título e da capa de um livro.

Depois desse momento mais teórico, passamos à prática. Após as primeiras leituras de capa e contracapa, os estudantes anotaram suas impressões iniciais nos diários de leitura e, logo em seguida, socializaram oralmente essas impressões. Com esses primeiros passos, passei a realizar de oito em oito dias, o

momento da socialização oral e das leituras realizadas. Esses momentos foram realizados em diferentes lugares da escola, ora na biblioteca, ora no pátio, ora na sala de aula (conforme registros anexos).

Esses momentos foram bastante importantes para que eu percebesse o nível, a sequência e o ritmo das leituras realizadas. Com o desenvolvimento e engajamento progressivo dos estudantes no projeto, fui diversificando as atividades. Introduzindo o uso do gênero música, relatos das experiências de leitura entre as turmas participantes, e apresentações teatrais. Além das publicações nas redes sociais da escola, onde eram expostas as atividades desenvolvidas com o objetivo de levar mais estudantes a lerem.

Por fim, após a coleta de dados (relatos coletados e selecionados), tornou-se necessário o cruzamento das fontes escritas e os registros feitos pelos sujeitos da pesquisa, fundamentados nos teóricos que sustentaram a problematização da temática da alfabetização do letramento nas séries do ensino fundamental tendo como instrumento facilitador desses processos o Diário de Leitura – como ferramenta e não uma simples construção de diário pessoal.

Antes de escreverem sobre **Quando meu pai perdeu o emprego**, a turma leu e fez a interpretação conjunta do texto, visto que alguns perceberam sua complexidade e assistiram um vídeo *NOVELA – Gênero Literário*¹, disponível na plataforma YouTube. Por conseguinte, na sequência de uma atividade de estudo dirigido, as percepções e impressões foram somadas. Dentre as questões dirigidas aos estudantes, um questionamento ao qual responderam foi: **Que perguntas tinham a fazer sobre o texto?** Disseram: “Numa família a crise financeira pode levar ao desespero ou a solidariedade?”; “O que passa na cabeça das crianças quando o pai perde o emprego?”; “Continuariam juntos e felizes após a crise financeira?”.

Após enumerada as perguntas, eles mesmos responderam. Assim, foram construindo, por exemplo, que a família mesmo que tenha uma situação financeira boa, é sujeita a passar por situações inesperadas, como o desemprego, e isso acarreta a uma nova forma de viver, sem condições de usufruir de mordomias. Nesse momento, indaguei por que o narrado escolhera esse tema, e qual seria o foco da narrativa, será que seria apenas a questão do desemprego? E as respostas foram: “Acho que ele queria que percebêssemos a união da família”; “que dinheiro não é tudo”; “mostrar o relacionamento da família e o relacionamento entre os irmãos”.

Os alunos se sensibilizaram com a ação desempenhada pelo personagem Capitão Esperança, no qual este leva conforto e sensibilidade a situação vivida pela família, o personagem que é o avô das crianças, de forma sensível e poética, acaba levantando uma reflexão sobre solidariedade e união familiar.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HZ6glFNKwQk>. Acesso em: 07 jun. 2023.

Recorte do diário do estudante A: *“Ao final do capítulo fiquei surpreso, pois aprendi com o personagem do vovô, chamado capitão Esperança, muito mais sobre o amor, a união e a solidariedade”.*

Recorte do diário do estudante B: *“Observei que o pai se encontrava bem mais triste, isso porque tinha perdido o emprego, com isso fiquei triste pois não queria que isso acontecesse, lembro que quando eu li o terceiro capítulo o pai já andava cabisbaixo, e refleti muito com a atitude do filho Beto, pois nenhum filho pode tratar o pai daquela maneira”.*

Recorte do diário do estudante C: *“Eu não gostei que o Pepê se sentiu tão poderoso assim no seu primeiro emprego”.*

No primeiro registro, ao dizer que ficou “surpreso” e “aprendi com o personagem do vovô” utilizou palavras que indicam expressividade, ele demonstra que a narrativa lhe sensibilizou.

Nos outros registros, também pude perceber que os estudantes se sensibilizam, destacando o terceiro em que a estudante, usa o pronome “Eu” em primeira pessoa para expor sua opinião. Assim, é relevante registrar que numa leitura o estudante é capaz de fazer referências, demonstrar seu relacionamento com os personagens e também a maneira como se relacionam entre si.

Recorte do diário do estudante D: *“Pepê é muito feliz com sua vida, tudo pra ele é bonito, mas um pouco meio louco, porque ele pulou do ônibus ainda em movimento. Ka ka ka...”.*

Recorte do diário do estudante A: *“Continuando a leitura, cheguei no capítulo mordomia, onde falava um pouco da vida dos irmãos que moravam na nave azul. Achei engraçada essa parte da história, pois nunca vi tanta mordomia, queria eu ter uma família assim”.*

Recorte do diário do estudante E: *“Nesse capítulo a história tomou um rumo novo: o papai resolveu abrir o jogo com toda a família. Então começou falando de um jeito meigo, comunicando os motivos dos seus problemas”.*

Este momento de interação foi marcante, pois influenciou outros estudantes a escreverem algo similar, iniciaram um debate entre eles sobre o que seria viver em mordomia e se isso era realmente necessário, na situação em que se encontrava aquela família. Alguns alunos aproveitaram para queixarem-se sobre o comportamento de um dos filhos, pois não concordavam com o tratamento dele com os pais. Um outro aluno questionou porque a vida é daquele jeito, nem sempre tem finais felizes. Ainda compararam com a realidade de alguns, em que os pais não tinham emprego e eles se viam na obrigação de ajudar, lidando com a

terra e o plantio de alimentos, pois a agricultura de subsistência era o único sustento de algumas famílias.

Recorte do diário do estudante A: *“O fato dos irmãos serem mimados pelos pais, me deixava com raiva, pois eu não achava justo”*.

Recorte do diário da estudante F: *“Gostei do fim, achei o final bonito, porque a família conseguiu dar a volta por cima”*.

Isso nos remete a Petit (2009, p. 32-53), que afirma: “é sempre na intersubjetividade que os seres humanos se constituem”, já que, após esses relatos, os alunos preferiam os finais felizes, mas oralmente e na escrita do diário entendiam a escrita como uma representação da vida e, por isso, nem sempre era possível ler finais felizes.

Assim, construímos juntos alguns significados, visto que, por vezes, um aluno dizia uma palavra que em seguida era completada por outro aluno, que explicava com mais detalhes o que necessitava de resposta, e nesta dinâmica fomos compreendendo mais detalhadamente o que todos haviam lido.

Segundo Hans Robert Jauss (1994, p. 56), “uma obra literária pode, pois mediante uma forma estética inabitual, romper as expectativas de seus leitores”. Na esteira desta análise, que trata a leitura na perspectiva de valorizar o relacionamento subjetivo com o texto literário, reconheço no comentário dela a construção de um interesse que rompeu suas expectativas.

Dessa forma, concluo, por este momento, que os encontros de leitores com o texto são importantes, já que a interpretação por mais pessoal que pareça constitui-se nas relações sociais (Cosson, 2014, p. 139), que inclusive determinam quais as leituras disponíveis e o que, do *corpus* conhecido, vale a pena ser lido.

Diante dos aspectos levantados, o texto que trabalhamos requer um leitor presente, atento, não aceitando distrações, porque exige entrega para que na leitura sejam completadas as significações. E a obra é a perspectiva do autor que foi inspirada em duas realidades: a que tem dentro de si, e a própria realidade do dia a dia. Ora, ler é conversar com a gente mesmo para conversar com o outro – com o autor, por exemplo.

Foi possível verificar momentos de identificação com as leituras, demonstrado com a apresentação de registros da obra lida, que são representativos do modo como os estudantes se reconheceram. Os recortes estão em itálico e sem recuos para diferenciá-los de citações de teóricos; não foram feitas correções na escrita; e estudantes estão identificados apenas com as iniciais dos seus primeiros nomes.

A escrita do livro usado na atividade nos traz uma linguagem simples, que nos aproxima com a realidade, fazendo com que o estudante possa pensar com a “cuca” e com o “coração” e “mandar ver” o tal de “um por todos e todos por um”, coisa que o personagem Pepê fez no ato.

ANÁLISE DOS DADOS

Ao final da pesquisa, pude perceber mudanças significativas na relação do diário de leitura com os alunos, não somente no comportamento disciplinar, como no comportamento pedagógico, referente a atitude em relação a leitura desses alunos, havendo uma grande imersão da maioria dos estudantes e do envolvimento de outros professores – mesmo não sendo uma atividade interdisciplinar –, aproveitando a leitura para trabalhar conteúdos de suas disciplinas.

Os empréstimos de livros também tiveram um grande aumento, com momentos de socialização enriquecedores em sala de aula e ambientes de leitura. E um ganho no que se refere aos desenvolvimentos das habilidades de leitura, verificando-se em provas externas e internas na escola.

Acrescento a essas habilidades, a escrita, pois antes da socialização oral, os estudantes fizeram registros escritos no diário de leitura sobre as leituras realizadas. Essa atividade contribuiu para a fomentação de ideias de cada um deles e a se familiarizar com o texto escrito, tomando consciência das variedades da língua, pois escreveram textos que exigiam tanto uma escrita mais formal, quanto uma escrita menos formal (o diário). Embora pareçam ser resultados tímidos e pouco expressivos, na realidade da nossa escola representam crescimentos qualitativos bastante significativos. A partir desses resultados, 06 alunos do ensino fundamental foram premiados em um concurso de cordel realizado pela biblioteca escolar.

Também é importante ressaltar que, mesmo o diário se tratando de um instrumento didático, ele admite uma abertura para a escrita subjetiva, para uma escrita de si. Os alunos são convidados a participar ativamente de seu próprio processo de aprendizagem, estabelecendo não somente um diálogo crítico formativo com o texto, mas ainda um diálogo consigo mesmo. Porém, vale lembrar que essa escrita mais pessoal fica limitada a partir do momento em que se sabe que uma outra pessoa – no caso, o professor – se valerá de suas anotações não pessoais e pessoais para a observação e avaliação de aprendizagem. Tal concepção de escrita de diários constitui um dos pilares teórico metodológicos que sustentam este estudo.

Ao elaborar um diário, gera-se um movimento intenso em direção à linguagem escrita, seja no registro da própria história, seja no aprofundamento do que vem a ser a própria linguagem escrita. Nesta proposição de pesquisa, considera-se que, a partir da construção/produção do instrumento – diário – o sujeito-autor se depara com a perspectiva de um envolvimento com questões da

linguagem escrita: esta deixa de ser unicamente uma técnica, para ir, aos poucos, adentrando a perspectiva comunicativa.

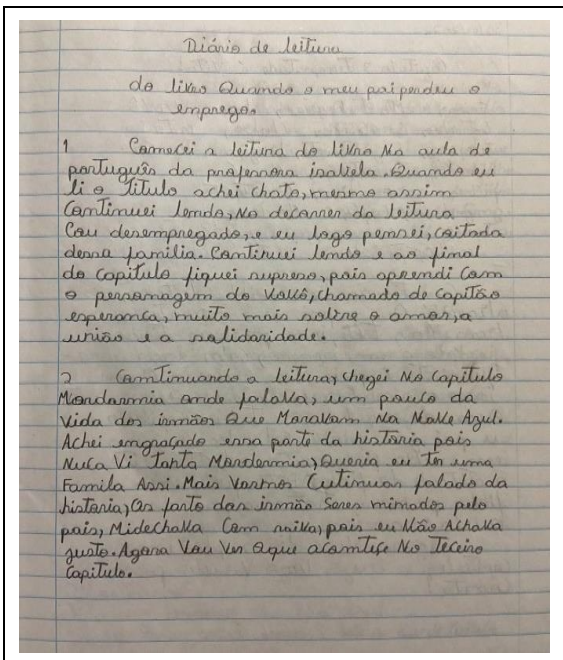
Sendo assim, acreditamos que o ensino da língua portuguesa esteja além da explicação de regras e concordâncias. Como questionam Silva *et al.*,

Que leitores queremos? O que é afinal 'ser leitor'? Repetir? O que é afinal 'ser escritor'? (...) Nossos alunos (e ex-alunos) o que escrevem? Quando escrevem? Que noção de ato de escrever a escola infundiu e infunde? Entendemos que o caminho para responder tais perguntas passa também pela busca de coerência entre concepções de mundo e concepções de linguagem (Silva *et al.*, 1986, p. 8-10).

Considerando esses aspectos fundamentais quando se pensa no ato de escrever, na relação direta com o sujeito que escreve, há ainda a considerar que a elaboração dos diários pelos alunos envolvidos neste estudo, tem um caráter didático-pedagógico – para a questão da escrita, e está vinculada, entranhada à leitura de mundo; e há a considerar que os diários produzidos compõem uma das fontes materiais que ancora esta pesquisa.

Vejamos a seguir recorte e análise de dois diários de leitura.

Figura 01 – Diário 1.

	<p><i>Diário de leitura do livro Quando meu pai perdeu o emprego</i></p> <p><i>Comecei a leitura do livro na aula de português da professora Isabela. Quando eu li o título achei chato, mesmo assim continuei lendo. No decorrer da leitura caiu desempregado, e eu logo pensei, coitada dessa família. Continue lendo e ao final do capítulo fiquei surpresa, pois aprendi com o personagem do Vovô, chamado de Capitão Esperança, muito mais sobre o amor, a união e a solidariedade.</i></p> <p><i>Continuando a leitura, cheguei no capítulo Mordomia onde falava um pouco da vida dos irmãos que moravam na nave azul. Achei engraçado essa parte da história pois nunca vi tanta mordomia. Queria eu ter uma família assim. Mas vamos continuar falando da história. O fato dos irmãos serem mimados pelos pais, me deixava com raiva, pois eu não achava justo. Agora vou ver o que acontece no terceiro capítulo.</i></p>
---	--

Fonte: Imagem da página do diário de leitura da(do) aluna(o) A – registro dos primeiros capítulos do livro escolhido para leitura (2023).

É interessante verificar que o autor fez seu registro utilizando o texto escrito, apresentando marcas de uma escrita pessoal, com capricho nas letras e uma ortografia tolerante. É possível ainda perceber que o aluno faz uso da linguagem escrita para registrar a leitura que faz do mundo em que vive, desde seus diálogos com textos até as experiências, boas e ruins, tornando possível estabelecer uma relação entre a leitura de mundo e a leitura da palavra. Outro registro destacado aponta, ainda, a relação da prática de escrita com o diário, que se transformou para este e outros alunos, em espaço de reflexão e “amizade”. Assim, consideramos que o ato de escrever foi se tornando cada vez mais significativo para esse aluno na medida em que passaram, regularmente, a escrever nos diários.

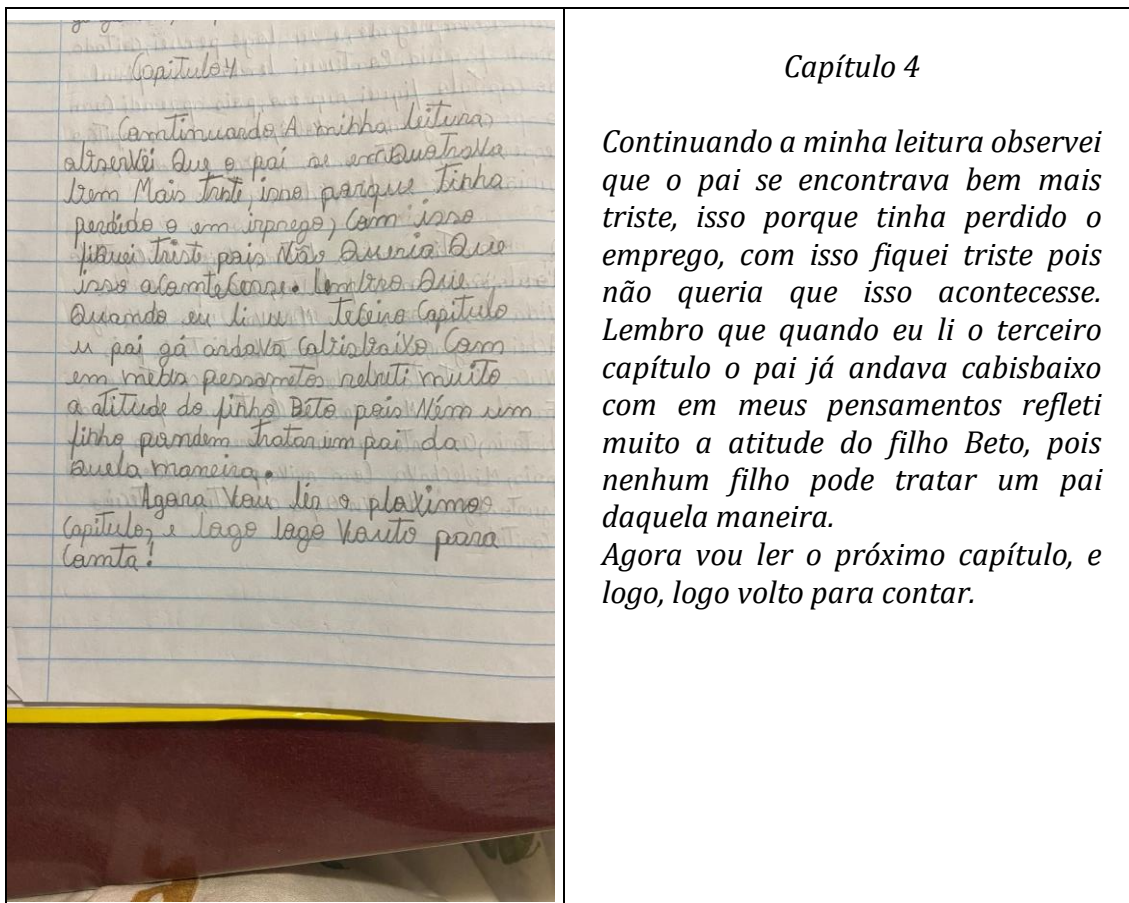
Percebi que, de acordo com seus registros, o ato de escrever está vinculado ao registro do dia a dia, das experiências, dos fatos mais marcantes, dos sentimentos, entre outros, o que me faz pensar que a prática de escrita “livre”, como assim denominamos, contribui para uma reflexão da importância da linguagem escrita pelos próprios alunos, além de estimulá-los a escrever cada vez mais, contribuindo assim para o maior interesse em se expressarem pela linguagem escrita e, posteriormente, para o aprendizado correto da língua.

A escrita escolar, geralmente, traz consigo uma conotação “negativa” (pois para os alunos ela é pautada pela obrigatoriedade, pela exigência de estilos formais, pela cobrança da escrita sempre de acordo com os padrões estabelecidos). Este aspecto “negativo” da escrita escolar é fácil de ser percebido nas atividades de acompanhamento escolar. Mas, quando sugerimos a escrita nos diários ou em algum outro tipo de material que inicia com algo bastante atrativo – principalmente em atividades iniciadas com aspectos lúdicos ou baseados em alguma linguagem artística – as crianças já se sentem mais confortáveis e mais confiantes, e gostam da atividade.

No mais, considero que este estudo, pelo fato de, ao mesmo tempo em que era realizada a pesquisa, eram analisados os materiais coletados, acontecia minha atuação como professora-pesquisadora da turma de acompanhamento escolar na disciplina de Língua Portuguesa, e produzia com os alunos o diário – foi importante, para, além de atribuir um significado para a pesquisa que se realizou, ter contato direto e participar do cotidiano de quem produzia a fonte material do estudo.

Observar que as reflexões sobre o próprio ato de escrever possibilita que os autores façam uso da linguagem escrita para dialogar com seus problemas, para dialogar consigo mesmo e refletir sobre o uso dessa escrita sobre fatos cotidianos, escrever e descrever sua visão de mundo – apontando características desta época presente –, como questionar o contexto social no qual estão inseridos, entre outros, faz com que se atribua valor à utilização da escrita do diário de leitura.

Figura 02 – Diário 2.



Capítulo 4

Continuando a minha leitura observei que o pai se encontrava bem mais triste, isso porque tinha perdido o emprego, com isso fiquei triste pois não queria que isso acontecesse. Lembro que quando eu li o terceiro capítulo o pai já andava cabisbaixo com em meus pensamentos refleti muito a atitude do filho Beto, pois nenhum filho pode tratar um pai daquela maneira.

Agora vou ler o próximo capítulo, e logo, logo volto para contar.

Fonte: Imagem da página do diário de leitura do(da) aluno(a) B – registro do capítulo 4 do livro escolhido para leitura.

Os textos em destaque culminam o trabalho realizado no decorrer do projeto, desde a escolha da literatura a ser lida até a liberdade de expressão verbal (escrita/oral). E, principalmente, o gosto pela leitura. Para Soares (2004, p. 46),

O mais importante, porém, é que, numa escola transformadora, a articulação de conhecimentos produzidos por diferentes teorias se faz a partir de uma concepção política da escola, vista como espaço de atuação de forças que podem levá-la a contribuir na luta por transformações sociais.

Nas entrelinhas, escola transformadora é aquela que prepara o educando para a vida. Formando, assim, cidadãos críticos e ativos. Afinal, é papel da escola ensinar a criança a ler e escrever para interpretar o mundo. Sendo assim, o diário de leitura pode ser uma ferramenta viável para a construção do conhecimento significativo.

Análises do diário 1 e 2:

Diante do exposto, observamos que mesmo com a dificuldade na escrita, vemos a presença correta de conectivos, estabelecendo relação entre o texto e o diarista. Outro aspecto interessante que podemos ver nos resumos, é que as vezes

os diaristas se deixam levar pela imaginação e emoções, visualizando ações que não foram narradas no texto lido. Essa nos leva a inferir que o resumo também é um processo que ultrapassa a compreensão, chegando à interpretação.

No mais, os diários representam uma acentuada facilidade de expressões, visto que os dois diaristas desenvolveram seus posicionamentos, e aproveitaram ao máximo essa capacidade responsiva para se entender em suas exemplificações e justificativas, em forma de comentário. Isso indica justamente que os diaristas, com o trabalho desenvolvido, apresentam, conforme van Dijk (2000), um nível de noção cognitiva, definindo uma capacidade discursiva adquirida com a prática. Essa capacidade de expressão, advém da autoafirmação obtida a partir de suas leituras de mundo e experiências vividas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando reflexivamente, a abordagem pedagógica com o diário de leitura, permitiu ampliar o espaço para circulação de compreensões e interpretações literárias, além de ser uma maneira de o ensino de língua e literatura se ocupar dos usos da linguagem em situações concretas de interação.

A adoção do diário de leitura trouxe um leque de dinamismo, para as turmas dos sextos anos do Ensino Fundamental II da escola *lócus* da pesquisa, permitindo que o aluno dialogue com o texto, com o(a) escritor(a), com a família, com os colegas e com o professor, permitindo-lhe assim assumir e expressar a sua voz. Implicitamente, esse diálogo induz o aluno a deixar de ser um agente passivo para ser um agente ativo no mundo letrado, ganharam confiança para expressar-se nas interações de interpretações das leituras e nas atividades de escrita.

Dessa forma, acredito que ao possibilitar ao aluno que este crie a atitude de ler com prazer, de forma consciente e crítica, tendo a liberdade de expressão, ele o fará espontaneamente, sem considerar a leitura uma tarefa árdua e difícil de realizar. Porém, a mesma deverá estar inserida em um ambiente alfabetizador: gerador de agentes de leitura.

E, ainda que não tenhamos todas as respostas para as questões do ensino da literatura e nem da formação de leitores, neste recorte busco explicitar teorias e práticas importantes que podem ser um caminho instigador de discussões necessárias, pelo menos, nos espaços da escola. Percebendo, assim, que mesmo a leitura sendo, do ponto de vista simplista, um ato individual, ela é um produto cultural coletivo e pode fazer parte das atividades cotidianas de uma comunidade escolar que partilha dos mesmos gostos, experiências e anseios por conhecimento.

É bem visível que a multiplicidade de letramentos na escola compõe um complexo quadro para o trabalho dos professores e demanda saber lidar com

diversidades impostas social e culturalmente, mas, ao mesmo tempo, nele há brechas para favorecer o trabalho em que se compartilham experiências de leituras. É possível perceber nos registros, contextos sociais em que estão inseridas as personagens e autor da obra, que foi bem recebida pelos estudantes, de modo que puderam individualizar-se num reconhecimento das condições marginalizadas a que somos submetidos por nossa condição econômica ou geográfica.

Finalizo, refletindo sobre a importância da leitura, em que a sua não homogeneização, nas produções dos diários e nas escritas de narrativas, constituiu formas de autonomia e emancipação. Por isso, os desdobramentos ecoarão para além desta conclusão. Ao fazer uso do diário de leituras, entendemos que irá favorecer a subjetivação da leitura tão necessária para o momento da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

JAUSS, H. R. A Estética da Recepção: Colocações Gerais. In: YAUSS, Hans Robert *et al.* **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagem qualitativa. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, A. R. **O diário de leituras**: a Introdução de um Novo Instrumento na Escola. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PARREIRAS, N. **Confusão de línguas na literatura**: o que o adulto escreve, a criança lê. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANGEL, E. O. Letramento Literário e Livro Didático de Língua Portuguesa: “os amores difíceis”. In: PAIVA, Aparecida *et al.* (Orgs.). **Leituras Literárias**: Discursos Transitivos. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2003, p. 127-146.

ROUXEL, A. Mutações epistemológicas e o ensino de Literatura: o advento do sujeito leitor. **Criação & Crítica**, n. 9, p. 13-24, nov. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/275417576_Mutacoes_epistemologicas_e_o_ensino_da_literatura_o_advento_do_sujeito_leitor. Acesso em: 9 jun. 2023.

ROUXEL, A. O advento dos leitores reais. In.: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia (Orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013, p. 191-208.

SILVA, L. L. M. *et al.* **O ensino de Língua Portuguesa no primeiro grau**. São Paulo: Atual, 1986.

SOARES, M. **Linguagem e escola**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SOARES, M. Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Ciberultura. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez, 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 9 jun. 2023.

VANDIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2000.

YUNES, E. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Revista Letras**, Curitiba, v. 44, p. 185-196, Editora da UFPR, 1995. Disponível em:
<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19078>. Acesso em: 9 jun. 2023.

Reading Diary: A Literacy and Literacy Tool in Elementary School Classes

Mabelle Ferreira de Almeida²

Abstract

In this article, I will present a reflection on the Reading Diary as a pedagogical tool and an analysis of the results of a practice developed with sixth-grade elementary school students that aimed to verify, based on the reading of the literary narrative “Quando meu pai perdido o emprego (When my father lost his job)” (Wagner Costa), the involvement they would establish with the work, thus contributing to the formation of readers. The methodology used was writing in reading diaries, which aimed to enable the exercise of authorial writing, records of the readings of the literary text and writing to verify the relationship with the narrative. This procedure allowed a reflection on the diaries and subjectivity in reading. To this end, I used authors such as Anna Machado (1998), Yunes (2003) and Rangel (2003), among others, who contribute to thinking about the teaching of literature and the formation of readers in an innovative and engaging way. Finally, after observing the written productions and analyzing them, I will present some results that I will share in this text.

Keywords:

Reading diary; Literary reading; Enjoy reading.

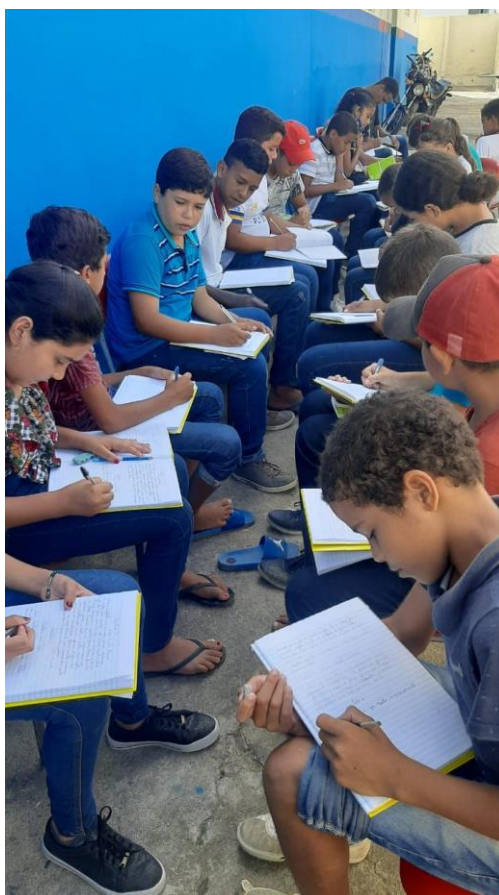
ANEXOS²

Figura 01 – Momento de Leitura da Obra.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Figura 02 – Momento da escrita no diário de leitura



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

² Os registros fotográficos apresentados seguiram os padrões éticos para a disponibilização de mídias com as devidas assinaturas nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Figura 03 – Momento de leitura do diário de leitura

